

A Capital Nacional da Moda Tricô

Monte Sião é um município que fica no sul de Minas Gerais, na divisa com o estado de São Paulo. Pela estimativa do IBGE em 2022, conta com 24 089 habitantes. Sua área é de 292 km² e a altitude é de 850m. Monte-sionense é o gentílico para quem nasce em Monte Sião.

FUNDADOR: Dr. Antonio Marcello da Silva - 15/01/1958

Fevereiro de 2025 - Nº 632

Diretores - Antonio Marcello da Silva (*1931-) - Pascoal Andreta (*1915 - + 1982) - Ugo Labegalini (*1931 - +2012) - Ivan Mariano Silva (*1935 - +2020) - Alessandra Mariano (1969 -)

DONA ASSUNTA, A SOPRANO

VALDO RESENDE

Quem frequentava a paróquia já sabia de algumas regras que regiam o local. Havia uma certa hierarquia entre as carolas e os candidatos a beatos. Na ânsia de ganhar o céu, já aqui na terra, havia aqueles que tratavam de marcar presença de maneira inequívoca nas cerimônias litúrgicas e nos festejos adjacentes.

O decoro era fundamental, então nada de roupas justas e curtas para ambos os sexos; que ninguém se atrevesse a incitar o outro com volumes insinuados por debaixo dos panos. Dona Ednéa tratava de garantir a compostura das beatas. Portava sempre uma enorme bolsa e, dentro desta, lenços, véus e até mantilhas. Tudo de cor leve e neutra. Ela não gostava de decotes, saias curtas, peitos exuberantes. Sem pedir licença tirava o necessário da bolsa e limitava-se a dizer, ao colocar o tecido cobrindo a parte evidente: “É preciso estar bem

composta!”. Fim da missa recuperava o tecido e passava um sermão nas desinibidas.

Seu Lázaro, já na casa dos setenta, estava sempre vestido com um paletó preto cheio de medalhas de santas e santos. Faria inveja aos militares folclóricos de ditaduras sul-americanas. No pescoço pendurava três fitas com as preferências de sua devoção. Uma, azul, ostentava imensa medalha que parecia um pires com a imagem do sagrado coração de Maria. Outra, vermelha, com o Cristo, o coração sangrando e exposto. A terceira, amarela, tinha uma imagem de São Mateus, o padroeiro dos banqueiros.

Encarregado de receber as ofertas em cada missa, Seu Lázaro tinha comportamento inequívoco conforme a data em cada mês. No primeiro domingo após o quinto dia útil, quando supostamente todos os paroquianos já haviam recebido o salário ele ia, de banco em banco, oferecendo a

sacola aberta e olhando firmemente para a cédula dada. Nessa data não aceitava menos que dez reais de um, cinquenta reais de outro. Conhecedor de cada fiel, sabia quem podia dar o quanto ele estipulava. Chegava na frente da “vítima” e sussurrava: “50”! Menos que isso, insistia levantando a voz. Quem iria passar tal vergonha?

Pessoa notória e alvo da inveja de muitos era Dona Assunta. A preferida do pároco, de nome Domênico. Ele havia estipulado lugar fixo para a mulher, no quinto banco, na extrema esquerda do assento, pois de acordo com ele era o local ideal para que Dona Assunta puxasse o canto, segurando ritmo e afinação. Quando ela faltava ele subia ao altar com cara fechada, mal humorado e, sem pestanejar, reclamava quando o cântico não saía bom: “Vocês estão desafinadas!”.

Se cantora de ópera, Dona Assunta seria páreo para Jessie Norman, Maria Callas. Cantava

com a força necessária para garantir a audição de todos não só nas cerimônias internas, mas nas procissões onde reinava absoluta. Podia atrasar o quanto fosse – e contam que em algumas ocasiões atrasou para mostrar seu poder – que o padre não tirava o pé do lugar, chamando por ela com seu megafone. “Dona Assunta já chegou? Quando ela chegar a procissão sai”. O recorde de atraso da beata foi de uma hora e dez minutos.

Dona Assunta tinha uma inimiga não declarada, Dona Tereza. Com voz miúda e sem graça, ela ardia de inveja da outra, fato confessado por ela, o que deixava o Padre Domênico irritado. Era sagrado, uma vez por semana lá estava Dona Tereza ajoelhada no confessionário contando desejar que a outra ficasse rouca, engasgasse, ficasse muda. Após cada confissão de Tereza era o padre quem sentia necessidade de também se confessar, cheio de

raiva da pecadora reincidente.

Noite de Natal, a paróquia de Santa Luzia resolveu reativar a velha tradição da missa do galo, à meia-noite. Tudo deveria correr bem! As mulheres bem compostas com seus trajes noturnos, os homens com as notas separadas conforme o aviso de Lázaro, que não queria demora na recolha do dindim. Ainda, na hora da missa, Dona Tereza não escondia ser aquela a sua noite feliz. Dona Assunta não chegou. Marcada para iniciar às 23h00, passados trinta minutos da meia-noite o burburinho aumentou, a pressão venceu e o padre iniciou a missa sem sua cantora preferida.

Dez quadras dali, Dona Assunta havia enfrentado um entrevero com o marido que, sonolento, se recusou a sair de casa. Ela o deixou, ciente de sua importância na cerimônia de gala. Caminhando pela rua com seu porte volumoso, italiana que era cheia

de dotes, foi abordada por um gatuno querendo levar-lhe a bolsa. Nesta estava um escapulário, presente do padre, e uma medalha benta pelo próprio Papa, ela acreditava. Entrou em luta com o assaltante e levou a melhor, mantendo a bolsa, mas ficando com o vestido rasgado, o cabelo desgrenhado, o rosto arranhado.

Após a comunhão era hábito do padre pedir uma canção à Dona Assunta. Sem esconder a frustração, ele informou que faria a benção final dada à ausência da cantora. E iniciou a benção quando, lá de fora se ouviu um poderoso “noite feliz, noite feliz”. E Dona Assunta entrou, recomposta, poderosa feito a soprano Montserrat Caballé. Só justificaria ao padre o motivo do atraso. Ao passar por Dona Teresa respondeu com desdém ao olhar de inveja da outra. E seguiu até seu lugar, de onde ordenou ao menino Deus: “Dorme em paz, ó Jesus!”.

CRÔNICAS DA MINHA GENTE OS SEGREDOS DA GI

IVAN

A Gi nasceu e morreu sem dentes. Para amassar a comida, o queixo subia até o nariz, os beijos se esticavam para fora e, mesmo assim, a maior parte do alimento engolia inteira. Sem a guarda dos dentes a língua se esborrachava dentro da boca, as palavras brotavam truncadas entre chiados e assobios, enquanto as bochechas vibravam a cada frase incompreensível. Sem apoio, a pele era franzida como maracujá de gaveta. Para ajudar a fala, Gi balançava o corpo mirrado e retorcido para frente e para trás, sem grandes resultados, pois parecia ser outro idioma o dela.

Gi nasceu e morreu sem marido. “Nunca tive um homem de meu. Só mesmo avulsos, e avulsa todos me deixaram”. Gi também nasceu e morreu

sem filhos. Teve três, cada um de pai diferente, pais desconhecidos e desaparecidos. Os filhos, sumidos. É que, um dia, ao atender à porta, deparou-se com os três levando uma única trouxa. Quando esticou os beijos na pergunta muda, cuspiram: “Putá”, e sumiram mundo afora, para nunca mais. Gi confessava que doía um pouco, mas acostumada às tantas dores, estava calejada. E ponderava “Mãe nunca é puta; puta é quem tem com quem e aluga o corpo, sem respeito por ele, só por contentamento”. Gi nasceu e morreu sem pecados. Balançando o corpo para frente e para trás, agora para dar credibilidade, terminou a frase sem começo “... mas sinto saudade delas, das crianças”. Outra vez, ainda pronunciando somente o final da frase cujo início engolira, murmurou:

“... Então, meu coração ficou seco”, e balançou o corpo para reforçar a afirmação.

No cartório não se encontrou qualquer registro sobre seu nascimento, mesmo porque ninguém sabia seu verdadeiro nome. Gina? Regina? Gisele, nem pensar, “era nome de gente que tem para a carne”. Em toda a cidade não havia indícios de familiares, mesmo distantes. Seu sobrenome, portanto, permanecia ignorado. Do seu passado – pelo menos uma foto – nada se conhecia. Parecia que Gi havia nascido daquele jeito: velha. Perguntada, ela dizia ter um dia viajado com um circo para muito longe, onde falavam uma fala que ela não entendia e onde havia um dinheiro que nunca vira “mas, que não importava, pois que não comia dinheiro”.

Os olhos da Gi eram

a prova de que a ramela é proveniente das lágrimas. Nos cantos, ao lado do nariz, cada olho armazenava uma bolinha de ramela, acho que amarela, que, incólumes, desabavam pelo peso, depois de uma semana sem serem tocadas. Então, por agregação e geração de novas lágrimas, a ramela voltava a crescer. Ela sempre explicava “é por causa delas, das crianças”.

Em sua casa de pau a pique o fogão, sem borralho, tiritava de frio e fome. Nos dias de chuva, a cobertura de sapé chorava. No único cômodo, só o pote com água tinha vida. No quintal, a touceira de capitão renovava-se às próprias custas, sem a intervenção dela. Logo que um capitão murchava, colocava outro na garrafa de gargalo quebrado. Era seu luxo. A porta sem tramela, apenas encostada, advertia que o impossível ladrão sairia mais pobre, ou santificado, caso deixasse a ela, por misericórdia e remorso, uma oferenda.

Gi foi levada ao cemitério em caixão comunitário e despejada

em cova rasa. O caixão chegou penso de um lado. Com quatro alças, apenas três estavam ocupadas pelos três filhos. Mais ninguém. Ao descer seu corpo na cova, um dos filhos retirou-lhe o patuá enebado do pescoço. Abriu o bentinho, colheu o papelzinho dobrado em quatro, leu. Desfigurado, fez uma bolinha com a mensagem e, junto à pá de terra, atirou-a sobre o corpo da mãe. Estava escrito: “deus não ezeste”.

Gi nasceu analfabeta

e sem opinião. A escola ensinou-a escrever; a crueza da vida obrigou-a a ter sua opinião escondida no bentinho. Opinião que, se verdadeira, a levaria de volta ao nada.

Gi nasceu e morreu sem saudade... saudade que lhe corroeu a alma entre o alvorecer e o ocaso da triste vida.

Crônicas da Minha Gente – seleção de crônicas de Ivan Mariano Silva, colaborador incansável deste jornal, um dos idealizadores e fundadores do Museu Histórico e Geográfico de Monte Sião e da FCPA, que nos deixou em Agosto/2020

O AGORA SATISFAZ O EGO

Um tempo em cada hora

Uma hora perco tempo

Há tempo que perco a hora

Distante deste evento

O vento fez aurora

E o dia foi-se embora

BOB

KAFKA DESNUDO

MATHEUS ZUCATO

Imagine só um dia ser abordado em sua própria casa por homens estranhos que te coagem a os acompanhar até a delegacia, pois você está sendo processado por um crime que desconhece, partindo a acusação de alguém também desconhecido e que pouco lhe dá mais informações do caso ou o mesmo o direito de se defender.

Ou então: imagine ser você um agrimensor contratado pelas autoridades de uma aldeia sob a sombra de um misterioso castelo. Ali você enfrenta incrível resistência e contradições burocráticas que o impedem de exercer sua função ou sequer se aproximar do local (o castelo) e prestar o serviço requerido.

Agora imagine que você seja um explorador estrangeiro a visitar uma remota localidade onde testemunha o funcionamento de uma máquina de execução brutal. Essa máquina inscreve no corpo dos condenados, com agulhas, os crimes que cometeram, levando-os à morte em um processo lento e doloroso. Você também percebe que o sistema judicial da colônia é arbitrário e nega qualquer direito de defesa aos acusados.

Um último exercício: imagine acordar um dia metamorfoseado num inseto enorme, monstruoso, que mal cabe na própria cama, e ser você o responsável pelo sustento de uma família de quatro pessoas, Imagine se desesperar por não saber como irá chegar ao trabalho nessas condições.

Esses são pequenos e pobres resumos que faço de quatro grandes e ricas narrativas de um dos maiores autores de todos os tempos: Franz Kafka (1883-1924). Os títulos das histórias são, respectivamente, *O Processo* (1925), *O Castelo* (1922), *Na Colônia Penal* (1919), e *A Metamorfose* (1915).

No entanto, pouco se fala sobre a escrita onírica de Kafka. Seus diários e cartas pessoais revelam enorme potência criativa em seus sonhos, reunidos numa antologia de nome *Sonhos* (Illuminuras, 2003). E o objetivo deste texto é tentar transmitir ao leitor o prazer, o espanto e o maravilhamento que tive ao espiar, por curtos períodos, a mente por trás de tais narrativas, quando li, entre o fim do ano passado e o presente mês de fevereiro, o livro com aproximadamente cinquenta relatos oníricos do autor.

Ler os *Sonhos* de Kafka

é, percebi, poder contemplar (assim como em nossos próprios sonhos) a sua alma desnuda em seu estado mais cru, porém mais enérgico e puro, pelo fato de não existir nas asas de sua criatividade as ceifadoras amarras sociais. É o autor a nos mostrar os germes de suas produções literárias, de suas angústias com o mundo caótico cada vez mais burocrático e pessoal, e a forma como lida com tudo isso, tendo na Literatura (talvez) a única forma possível expressão.

Na antologia póstuma vemos de tudo: desde reflexos de sua relação conturbada com o pai opressor, até os seus mais singelos desejos e inseguranças relacionados às mulheres de sua vida, sua opinião sobre a burocracia, guerras, política, competições esportivas, etc.

Kafka confessou certa vez que “o impulso de representar sua vida onírica deslocou todo o resto para um plano secundário”. E deixou anotado em um caderno uma possível pista de como entendia os sonhos, ao compará-los com um “mandamento interno”, expressão simbólica para representar tanto um impulso criativo e espiritual quanto uma angústia existencial. A

ele, um sonho seria como esse “mandamento”. Em suas palavras: “[um sonho é] absurdo porque só posso sobreviver aqui se não lhe obedecer; desconexo porque não sei quem o ordena, e com que objetivo; inevitável porque me pega de surpresa (...), embora quem se deita para dormir deveria saber que vai sonhar. Exclusivo, ou assim parece, porque não posso concretizá-lo, não se mistura à realidade e por isso não pode ser repetido; provoca alegrias ou medos infundados, aliás muito mais estes do que aquelas; não pode ser comunicado porque é intangível, e pelo mesmo motivo exige ser comunicado.”

Bem, acho que já temos muito para digerir. Deixo aqui um texto suspenso, senão poderia discorrer por páginas afora sobre o autor judeu de língua alemã. Interrompo o artigo quase de súbito, como acontece com muitos de nossos sonhos, porém espero ter despertado, por menor que seja, uma gota de curiosidade sobre a vida e obra de Franz Kafka, escritor plúmbeo que não necessita pôr o seu dedo nas nossas angustiantes feridas da alma, uma vez que nos deixa escancarada a nossa imperiosa ansiedade de fazê-lo por nossa própria conta.

O VINHO E OS VERSOS DE JOSÉ CARLOS GROSSI

Quando o versajador e poeta se encontrando
Procuram a mesa de um bar para conversar
E por ali ficam a matutar se embebedando
E se o vendeiro não mandar embora ficam até o dia raiar

Eis então ‘tantos fui dividido preenchendo espaços
De fracassos e delírios e perna-de-pau do futebol’
[domingueiro
‘O bêbado de vinhos e canções’ sem embaraços
‘Enamorado da deusa do jardim um que galopava
[o cavalo’ trigueiro

‘De crinas de fogo e relinchando pelas lonjuras
Dos confins’ do mundo e sempre a buscar ‘outros
[que me esqueci’
Fazia com que ‘este senhor das lamurias’
Procurasse ‘o outro que se cansou’ do que vivi

E as despedidas de quem ‘colhia estrelas nos pomares da lua’
‘Mais o outro que se vestia das fantasias dos carnavais’
E saiam em blocos cantarolando pelas passarelas das ruas
Como a fechar com chave de ouro os tempos que não voltam mais

‘E de tantos que eram tantos não sobrou nenhum para me
[fazer companhia
Nos infortúnios de sábado’ ou de todos os dias do calendário
‘Então as noites se aprofundaram escuras’ com nostalgia
‘E os dias atormentaram sem ternura’ como um fadário

‘Contudo o Tempo, este senhor absoluto do destino,
Das coisas ao tirar-me todos deixou-me um’
‘Apenas eu apenas um único e sobrenatural’ em desatino
Como a nada sobrar a não ser apenas nenhum

‘Que se encanta de versos ao descrever desatinos
Fantasias e desilusões nostalgias e branduras
Lonjuras saudades e vinhos’
Cuja ultima taça pode até provocar ternura

Como é gostoso ler prosas e versos de um bom escritor
Que em formato de crônica vai descrevendo
O que sente dentro do coração com carinho e primor
No que foi sentido quando José Carlos Grossi
[foi escrevendo

(Composto ao ler a crônica ‘Vinhos’, de José Carlos Grossi, publicada no Monte Sião, edição 625 – junho de 2024)

Arildo Bellini

O MEU CORAÇÃO É VERDE

Nascido e criado em colônia japonesa
O beisebol tornou-se a minha paixão.
Porém, a mágica do tempo
Também, me apresentou ao futebol.
Esporte do coração do brasileiro,
Que atrai e energiza multidões.

É daí que trago uma forte lembrança.
Da única partida que disputei no Pacaembu,
Para depois me acomodar nas arquibancadas
Vendo jogos de tantos times e da seleção.
Sempre admirei a arte dos estádios,
Mas, meu coração é mesmo do Verdão!

O Palestra é a academia maior,
Palco onde desfilaram grandes lendas,
Em partidas heroicas e memoráveis,
Conforme atesta a sala dos troféus.
Orgulho de poder gritar bem alto,
Que, na arte do futebol, eu sou Palmeiras!

Yoshiharu Endo



O que é, o que é? Pode ser aberto e fechado, mas não tem portas nem janelas?

A PRESENÇA DA EMILIA ROMAGNA NO BRASIL — MONTE SIÃO (MG) E A FAMÍLIA GENGHINI

L. A. GENGHINI

Na oportunidade da comemoração dos 150 anos da Imigração Italiana ao Brasil, enviamos o texto abaixo para as Comunidades Emiliano-Romagnolas de Belo Horizonte e São Paulo, a fim de que seja incluído nos anais das comemorações.

Introdução: Em 2025 as comunidades Emiliano-Romagnolas de São Paulo, Belo Horizonte, enfim, do Brasil, estão comemorando os 150 anos da emigração/imigração italiana, por intermédio do Projeto Cultural “A Presença Emiliano-Romagnola no Brasil. Nesta nossa contribuição abordamos o pessoal que veio das comunas de Rimini, Monte Colombo e Forli, especialmente a família Genghini.

Emilia Romagna: No final do século XIX, na Emilia-Romagna, assim como em toda a Itália recém-unificada, reinava a pobreza com densa população e poucos recursos. A Itália iniciou o processo de emigração na mesma época em que o Brasil eliminava a mão-de-obra escrava. Logo, Itália e Brasil firmaram acordos de emigração/imigração, acabando por trazer mais

de 1 milhão e trezentos mil italianos para cá, no período de 1876 a 1930.

Monte Sião MG: A cidade de Monte Sião, assim como todo o Sul de Minas Gerais, era uma cidade nova com cerca de 35 anos de existência, tinha o café como principal produto de sua economia, concentrado em grandes fazendas. Diferentemente dos imigrantes que entraram no Sul do Brasil e receberam lotes ou glebas para desbravarem e cultivarem, os italianos que vieram a Minas Gerais, portanto a Monte Sião, eram designados ao trabalho braçal nas lavouras de café.

As Famílias Romagnolas de Monte Sião: De acordo com a pesquisa de Lourenço Guireli Júnior, “Monte Sion Amore Mio”, da Emilia-Romagna vieram quatro famílias, a saber: Caroli e Grossi, de Forli; Genghini e Maggiori de Monte Colombo. Pode, eventualmente, ter ocorrido a vinda de outras famílias da região, porém, a partir de certo ponto, o autor não especificou as comunas de origem.

Os Genghini no Mundo: A Família Genghini, que habitava em Monte Colombo e região, nas

proximidades de Rimini, era numerosa e contribuiu com emigrantes para os Estados Unidos da América, Argentina, Brasil e outros países europeus.

Os Genghini no Brasil: Além da família de Giovanni Battista Genghini que chegou em Monte Sião em 1896, temos notícias de mais dois desembarques cujos Genghini imigrantes se instalaram no estado de São Paulo, sendo eles, Primo Genghini na região de Bragança Paulista, Monte Alegre do Sul, Vicenzo Genghini na região de Itápolis e Ibitinga, e Enrico Genghini, cujo destino no Brasil ainda desconhecemos.

Os Genghini em Monte Sião e Região: Os descendentes de Giovanni Battista Genghini e Mariantonia Di Antonia Bellini (Raimondo Secondo, Antonio Ubaldo e Ernesta Ermínia - já que a pequena Josephina Enriccheta faleceu durante a viagem) tiveram famílias numerosas, cujos filhos e filhas, se espalharam por Monte Sião, Sororro, Águas de Lindóia, Campinas, Americana, São Paulo e outras cidades brasileiras.

O desenvolvimento: Atualmente, temos ainda os mais antigos cuidando

de atividades rurais, enquanto os mais jovens se dedicam à indústria, ao comércio e aos serviços. Do ponto de vista acadêmico, só na terceira geração começamos a encontrar diplomas universitários e títulos de mestrado e doutorado. Atualmente, há advogados, médicos, biomédicos, enfermeiros, engenheiros, pedagogos, pesquisadores, religiosos, técnicos de futebol, atletas e outras especializações.

As contribuições: Fazendo uma breve leitura do histórico, que vem desde 1896 até os dias atuais, observa-se que a contribuição da Família Genghini foi intensa, indo desde o trabalho braçal até a formação acadêmica.

Conclusão: Como já tivemos oportunidade de expressar em outras ocasiões, inclusive no livro que publicamos intitulado “A Saga dos Imigrantes Italianos no Sul de Minas – O caso da Família Genghini”, (disponível no Museu Histórico e Geográfico de Monte Sião) a Família Genghini honra o seu legado e continuará contribuindo, aonde quer que esteja.

Até qualquer hora, Pessoal!

SUPERMERCADO SHIMODA
Onde seu dinheiro compra mais
Avenida Brasil, 205 - Fone 35 3465-1300
Rua Tancredo Neves, 300 - Fone 35 3465-1175
Monte Sião - Minas Gerais

Supermercado e Casa de Carnes
Oliveira
A melhor carne da região!
Pça. Renato Franco Bueno, 80 - Centro - Monte Sião - MG - Cep 37580-000
(35) 3465 1817 / 3465 2109

MAZA
ALINHAMENTO E BALANCEAMENTO DE RODAS, ESCAPAMENTOS, AMORTECEDORES, BATERIAS
PNEUS
RUA CELSO SEBASTIÃO SIMONETI, 38 (ANTIGO MATADOURO) 3465-5463

Monte Sião

A Capital Nacional da Moda em Tricô

Fevereiro de 2025

Nº 632

ÚLTIMO TREM

ANIVERSARIANTES DO MÊS

Março de 2025

Dia 01	Lídia Aparecida Bossi Veloso
Mirian Guireli de Faria	Laíse Barbosa de Souza
Ellen Fernanda M. da Costa	Elza Bernardi G. Santos
Dia 02	Clarysdele Canela Bueno
Pedro Artur Ribeiro	Ygor Fávero Nobrega
Marco A. Zucato Guireli	Dia 18
Luciano Gomes da Silva	Sarita Gotardello de Oliveira
Idione Fonseca Righete	José Carlos Bonassa
Mary Eulália C. Barbosa	Cristiane Labegalini
Wllian Augusto de Paula	Flávia Gottardello Silva
Priscila de Castro Guarini	Dia 19
Dia 03	Danieli Comune Faria
Vicente de Paulo Andreta	Bianca Pennacchi
Francisco Tadeu da Costa	Josefina Comune Mendonça
Bruno Labegalini de Castro	Izis Rayara Queiroz
Jéferson Bueno	Dia 20
Augusto César Pereira	Cláudia Regina Renção
Dia 04	Leticia Daldosso Labegalini
Elvira Leandro Pereira	José de Paula Domingues
Jeruza Renzo	Cláudio Labegalini
Wilma Maria Rodrigues	Dia 21
Elaine de Lima	Fátima Cristina Gaspardi
Maria Luiza G. Comune	Alcides Brunialti Jr.
Dia 05	Dia 22
Mariana S. Andreta	Marília de Souza Santos
Joseli Vicentina da Silva	Guilherme Laira Grossi
Luciana Maria Pereira	André Costa P. Grossi
Dia 06	Dia 23
Gustavo Valentim Rejani	José Oscar Takahashi
José Armelím	Lívia Belinato Fonseca
Wander Franco Bueno	Dia 24
Dia 8	Michele Silva Artuso
Alexandre Pedroso	Lara Pieroni
Luiz Aparecido da Silva	Cesarina dos Santos
Solange Ap. B. Domingues	Eliana Ap. Otaviano
Dia 9	Guilherme Pereira Zucato
Luis Felipe de Castro Ribeiro	Dia 25
Dia 10	Felipe Trindade Diniz
Giselle P. Guireli	Roselene S. Gottardello
Therezinha Parlato Labegalini	Alcina Maria Otaviano
Bruno Silveira Andreta	Dia 26
Dia 11	Sérgio Luiz Bueno
Ana Beatriz Araújo	Maria Cristina Gottardello
Henrique B. da Fonseca	Ana Paula Gaspardi
Thiago Labegalini	José Marcos de Souza
Elaine Cristina C. Freire	Dia 27
Dia 12	Fernanda Emerick de Souza
Nicholas Gottardello Fonseca	Ariovaldo Guireli
Eliana Fumuka U. Gatolini	Dia 28
Carlos Eduardo Barbosa	Daniela Godoi Zucato
Tiago Lino	Simone Simões Cardoso
Andreza Augusto	Benedito Pereira Pinto
Carolina N. Simões	Dia 29
Dia 13	Marice Leandro Zucato
Juliano Armelin	Carlos Antonio Rezende
Dia 14	Márcio Giglio Zucato
Edson W. Pereira Zaroni	Aparecida Vilela
Amaranta Guireli	Dia 30
Ana Paula V. Labegalini	José Antonio Pereira
Dia 15	Joseli da Costa Pereira
Camila Franco de Morais	Silvana M. Bernardi
Fabrcio Guarini	Dia 31
Neuza Godoi Albino	Heloise Correa Constantino
Grey Daila R. dos Reis	Pedro César Galbiati
Dia 16	Leila Maciel Pereira
Hetory Reis Canela	
Renato Parreira	
Dia 17	

A todos, as felicitações da Redação!

NOVO COLABORADOR DO JMS – Lucas Provenzano.

Nascido em 1991 em Campinas (SP), Lucas Damas Garrlipp Provenzano é Delegado da Polícia Civil de Minas Gerais em Monte Sião, graduado em Direito e Ciências Sociais e mestrando em Direitos Humanos e Desenvolvimento Social na Pontifícia Universidade Católica de Campinas, professor de Teoria Geral do Estado e Introdução ao Estudo do Direito, e coordenador do projeto de extensão do “Café Jurídico” pela FACMINAS. Seja bem-vindo, Lucas!

PROJETOS CULTURAIS A VISTA!

Parece que depois das dificuldades enfrentadas em 2024, os artistas e promotores culturais de Monte Sião estão respirando aliviados com liberações já em andamento para execução de projetos em 2025. Até o momento observamos a movimentação do pessoal para a inscrição de projetos e as providências para liberação dos recursos para que possam efetivá-los. Parabéns a todos os envolvidos!

FESTAS, EVENTOS, RECITAIS, LIVROS

A julgar pela quantidade de projetos em fase de homologação, este ano não faltarão opções de diversão e entretenimento para os moradores da cidade e para os visitantes. Que venham, cheios de qualidade e de alegria!

LIVRO NOVO

Indo para a prensa da editora, mais um livro de nosso colega Matheus Zucato, um

jovem escritor monte-sionense, que é, bem de longe, descendente de Giovanni Batista Genghini. Bem-vindo, Mateo!

PRIMEIRO MÊS DE TRABALHO

Ao que tudo indica, pela movimentação da máquina administrativa, ao longo do primeiro mês de mandato, o Dr. Juninho Zucato, filho do Dr. Maurício, nosso querido professor de ciências do ginásio, não está para brincadeira! Avante Dr. Juninho e equipe!

REZAS E BOM PRESSÁGIO

Dr. Juninho, fiquei sabendo que a benzedeira e rezadeira, D. Cacilda Bressan, 93 anos de idade, continua firme nas rezas à espera do milagre! Quem sabe..., né?!

ESTRADAS MUNICIPAIS

Imaginamos que o volume de chuvas que está descendo sobre nossa região, este início de ano, prejudica qualquer tentativa de trabalho programado e estruturado, ficando os recursos disponíveis para atender emergências. Serve de aprendizado, porém, é bom manter na pauta que quando melhorar o tempo toda a malha de estradas vicinais do município estará esburacada e a espera de cuidados. Muito trabalho da fare!

TREVO ESQUISITO – OBRA...

Passei por lá duas vezes no mês de janeiro e início de fevereiro... parece que estão se mexendo. Mas, continua

uma obra esquisita!

RODOVIA MONTE SIÃO - OUROFINO

Além do pedágio que onera o contribuinte com quase R\$10,00 a cada passada por ele, andei ouvindo o colega Michel Caroli, pela Rádio Cidade das Malhas, contando que estão para instalar mais 5 radares no trecho da estrada que cobre o município de Monte Sião, concentrando mais no trecho entre Monte Sião e o Bairro Mococa, indo, então, para 7. Definitivamente, não se trata mais de rodovia, estão tratando a via como se fosse uma avenida, o que reduz o limite de velocidade a 60 Km/Hora. Até o povo se acostumar podem acontecer 3 coisas: 1- Aumento exponencial de multas; 2 - Aumento de risco por ultrapassagem forçada sobre aqueles que desejarem andar na velocidade da pista, e 3- maior número de acidentes... Será que Monte Sião está pretendendo reclassificar todo o trecho marginal da pista até a Mococa-Paulini como perímetro urbano? Por que não? É uma oportunidade para cobrar mais do IPTU mais caro do país.

ANIVERSÁRIO DO MONTE SIÃO

Numa prosa rápida com a diretoria, quando fui buscar o “MONTE SIÃO” de janeiro, fui informado que estão escolhendo a data para o almoço anual de aniversário de fundação deste nosso querido e respeitado jornal. Este ano comemoramos 68 anos. Parabéns a você, “MONTE SIÃO”!

CANÇÕES DE MONTE SIÃO

Neste espaço o JMS publicará, mensalmente, letras de canções de músicos monte-sionenses.

NADA MAIS (2022)

(BANDA) ÍNTIMO COTIDIANO

Quando as pessoas se afastam de você

Fica difícil de acreditar

O mundo inteiro contra você

E a solidão vem pra te enganar

Diga que pode me libertar

Preso em gaiolas de emoções

Não siga os meus passos

Passado é passado

Diga que pode me libertar

Preso em gaiolas de emoções

Não siga os meus passos

Passado é passado e nada mais

Quando as pessoas se afastam de você

Fica difícil de acreditar

O mundo inteiro contra você

E a solidão vem pra te enganar

Diga que pode me libertar

Preso em gaiolas de emoções

Não siga os meus passos

Passado é passado

Diga que pode me libertar

Preso em gaiolas de emoções

Não siga os meus passos

Passado é passado e nada mais

ACM ADRIANO - CHARLES - MAURICE
CONTABILIDADE

(35) 3465-1635
3465-4404

R. Juscelino K. de Oliveira, 1102 - Centro - Monte Sião |MG

PORCELANA MONTE SIÃO

BIBELÔS EM GERAL – CANECAS PARA CHOPP
VASOS – CINZEIROS PARA BRINDES, ETC.

A única que produz PORCELANA AZUL e BRANCA no Brasil

AGRADECEMOS SUA VISITA

Rua Sete de Setembro - Tel.: (35) 3465-1117 - Monte Sião - MG

A melhor internet do
Circuito das Águas Paulista

TELESON
TELECOM

Águas de Lindoia: (19) 3824-3671
Monte Sião: (35) 3465-4963
WhatsApp: (19) 99773-1001

Laboratório de Análises Clínicas Bioanálise

Bioquímico: Ferdinando Righetto

- **Teste do Pezinho ampliado**
- **Credenciamento com os Laboratórios:**

GENOMIC (Teste de DNA) - CRIESP e SAE (São Paulo)
HERMES PARDINI (Belo Horizonte)

Rua do Mercado, 866 - Tel (35) 3465-1714 - Centro - Monte Sião/MG

Nossos avós já compravam na

Loja do Plácido

A mais antiga da cidade - Desde 1922

TECIDOS - CALÇADOS - CONFECÇÕES - CAMA - MESA - BANHO

Rua Presidente Tancredo Neves, 194
Fone: 3465-1144

Sebo do Ismael

Livros, revistas, LPs, CDs, DVDs, VHS, Fitas K7,
Aparelhos eletrônicos, Antiquário

Praça Cavalinho Branco – 410 – Águas de Lindoia – SP
Telefone: (19) 3824-1507 WhatsApp: (19) 99343-9180